

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO DESTINADA A INVESTIGAR A ATUAÇÃO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI) E DO INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA) NA DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS E DE REMANESCENTES DE QUILOMBOS – CPI FUNAI e INCRA 2

REQUERIMENTO Nº DE 2016

(Do Sr. Patrus Ananias e outros)

Requer seja submetido à deliberação do Plenário desta Comissão Parlamentar de Inquérito o pedido ora formulado de CONVOCAÇÃO do Sr. Moacir João Macedo, ex-presidente do Sindicato Rural de Paranhos, no Estado do Mato Grosso do Sul.

Senhor Presidente,

Requeremos a Vossa Excelência, nos termos do art. 58, § 3º da Constituição Federal, e na forma prevista pelo art. 36, inciso II, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados e que ouvido o plenário desta Comissão seja CONVOCADO o Sr. Moacir João Macedo, ex-presidente do Sindicato Rural de Paranhos, no Estado do Mato Grosso do Sul.

JUSTIFICAÇÃO

Seis pessoas, incluindo o Sr. Moacir João Macedo, ex-presidente do Sindicato Rural de Paranhos – MS, foram denunciados pelo Ministério Público Federal, pelo envolvimento no ataque à comunidade indígena Ypo’i e a morte de professores indígenas.

Estas pessoas, aonde se incluem Fermino Aurélio Escobar Filho, Rui Evaldo Nunes Escobar e Evaldo Luis Nunes Escobar, todos filhos de proprietário rural, também estão sendo acusados neste caso.

CD163963818932

CD163963818932

Sobre eles, pesa a acusação de homicídio qualificado, sem possibilidade de defesa da vítima, ocultação de cadáver, disparo de arma de fogo e lesão corporal contra idoso. O cri

O MPF entende que há elementos suficientes contra os denunciados para a abertura da ação penal. Para o Procurador da República Thiago dos Santos Luz “não se pode pretender encerrar precocemente o caso e impedir o órgão acusatório (MPF) de provar suas alegações, no âmbito do devido processo legal. Além de todo o arcabouço fático-probatório produzido durante as investigações, já bastante para autorizar a deflagração do processo penal”.

As mortes ocorreram durante expulsão de área reivindicada pelos indígenas como de ocupação tradicional indígena da etnia guarani-kaiowá (Tekoha Ypo’i), na Fazenda São Luiz, no município de Paranhos. Alguns dos denunciados chegam ao local em caminhões e caminhonetes, efetuando disparos com armas de fogo de diferentes calibres e agredindo os indígenas. Mario Vera, 89 anos à época, recebeu pauladas nas costas, ombros e pernas. Professores foram mortos e os corpos ocultados.

O corpo de Genivaldo Vera foi encontrado uma semana depois, em 7 de novembro, dentro de um rio, próximo ao local do conflito. Segundo o boletim de ocorrência, ele estava sem camisa, com cueca e calção, descalço, com perfuração de arma de grosso calibre frontal no peito e nas costas.

As notícias abaixo dão conta da violência que foi empregada contra os indígenas.

<http://diarioms.com.br/policia-de-paranhos-confirma-que-corpo-e-de-indio-desaparecido/>

Polícia de Paranhos confirma que corpo é de índio desaparecido

11 de novembro de 2009 as 09:30

A Polícia Civil de Paranhos identificou ontem o corpo encontrado no sábado (7) como sendo do indígena Genivaldo Vera, encontrado morto após o confronto entre indígenas da aldeia Pirajuí e funcionários da fazenda São Luiz.

Segundo o delegado Valter Guelssi, que ouviu ontem sete depoimentos na delegacia em Paranhos, disse que o pai, Bernado Vera, e outros seis indígenas, viram as fotos tiradas pela Polícia e confirmaram ser o corpo de Genivaldo .

“O corpo estava com um short azul que segundo o pai era o mesmo que Genivaldo vestia quando saiu para a invasão”, informou o delegado que espera agora a prova científica que está sendo elaborada pelo IML (Instituto Médico Legal), em Campo Grande.

CD163963818932

CD163963818932

Valter Guelssi ressalta que além de confirmar a identidade do indígena, o laudo vai apontar como ele foi morto. Genivaldo tinha duas perfurações no corpo quando foi encontrado enroscado ao galho de uma árvore, no córrego Ypoi, distante 30 quilômetros da área urbana de Paranhos.

De acordo com o delegado o trabalho de buscas de Rolindo Vera, outro indígena desaparecido, é mantido. A Polícia vai apurar agora, a autoria do crime.

<https://pib.socioambiental.org/pt/noticias?id=75453>

André diz que professor de Paranhos foi morto vítima de pancada no tórax

24/11/2009

Autor: Jacqueline Lopes e Valdelice Bonifácio

Fonte: Midiamax - http://www.midiamax.com/view.php?mat_id=574289

Embora o governador de Mato Grosso do Sul, André Puccinelli (PMDB), tenha afirmado que a polícia está empenhada em encontrar o corpo do professor Rolindo Verá, desaparecido no dia 2 de novembro em confronto com seguranças privados na Fazenda São Luiz, em Paranhos, a informação dos moradores da aldeia Pirajuí é de que não há bombeiros, nem grupos da polícia na área à procura do indígena.

O primo de Rolindo, Genivaldo Verá foi encontrado morto sem perfurações no corpo em um córrego dentro da área de confronto. Ele foi morto vítima de pancada no peito, disse o governador.

Indagado sobre a falta de informação sobre a investigação, encabeçada pela Polícia Federal de Naviraí, Puccinelli frisou que há pelo menos oito hipóteses para o caso. A primeira de que os dois indígenas foram assassinados. Mas, até agora a PF e a Polícia Civil não efetuaram prisões.

A segunda, de que o professor indígena desaparecido, Rolindo Verá, seja o autor da morte de Genivaldo Verá. Hipótese descartada pelos familiares que estiveram na última semana na Capital, onde conseguiram a liberação do corpo de Genivaldo que estava há pelo menos 10 dias no Instituto Médico Legal. Os pais de Genivaldo, Bernardo e Francisca Verá querem ajuda para encontrar nem se for a ossada do sobrinho Rolindo e disseram que a luta pela terra na região não vai cessar mesmo com derramamento de sangue.

"A polícia está procurando. Se alguém souber de algo a mais tem que informar", disse o governador.

O caso

CD163963818932

CD163963818932

No dia 20 de novembro, após peregrinação em Campo Grande pela Superintendência da PF (Polícia Federal) e Instituto de Criminalística por informações sobre o corpo do professor guarani Genivaldo Verá, de Paranhos, os pais Francisca e Bernardo Verá receberam da direção do Instituto de Criminalística a confirmação do que eles já sabiam. No dia 7 de novembro o corpo foi encontrado submerso no córrego Ypoi e trazido para o Instituto Médico Legal da Capital.

Genivaldo e Rolindo Verá entraram com outros 16 indígenas na Fazenda São Luiz e depois de três dias foram expulsos na madrugada de 2 de novembro por seguranças particulares. No confronto, os professores não voltaram para a casa.

O casal faz um apelo e pede que as autoridades encontrem o corpo de Rolindo Verá 'mesmo que sejam os ossos'. "Matou e roubou o corpo. Se não viesse aqui, não saberia resposta. Muito difícil para minha mãe e meu pai", diz o irmão guarani que acompanhou os pais e pediu para não ter o nome nem foto divulgada pelo risco de confronto.

A morte para Bernardo e Francisca causa dor, mas segundo eles, não faz o povo guarani recuar. "Estamos prontos para lutar", disse a mãe na língua guarani. "Já morreu lá pela luta da nossa terra e vamos continuar", disse também o pai. Sem derramar lágrimas, mas com o semblante sério, o casal aguarda o momento da Funasa (Fundação Nacional de Saúde) fazer o transporte do filho para a aldeia Pirajuí.

Segundo informações apuradas pelo Midiamax junto ao governo estadual, o corpo passou por necropsia e não foram constatadas perfurações por tiro ou faca nem tampouco os ossos foram quebrados. A causa da morte não pôde ser elucidada pelo avançado estágio de putrefação. Mas, hoje o governador de Mato Grosso do Sul disse à imprensa que Genivaldo morreu vítima de complicações cardiorrespiratórias ocorridas após ter levado uma forte pancada no tórax.

Violência

A aflição tomou conta da comunidade indígena e chamou a atenção da Anistia Internacional que pediu ao Brasil explicações sobre mais um escândalo que acabou em morte.

Em meio a situação, a PF (Polícia Federal) de Naviraí, responsável pelo inquérito sigiloso, não comunicou aos familiares como estava a perícia. Francisca e Bernardo já tinham confirmado por fotografia que a pessoa encontrada morta era o filho. O calção, a cueca e a falha na arcada dentária ajudaram na identificação, mas falta a confirmação da perícia técnica e a liberação do corpo para os rituais de sepultamento indígena na aldeia Pirajuí.

Laudos

CD163963818932

CD163963818932

Peritos do Instituto de Criminalística de Campo Grande receberam da PF as carteiras indígenas da Funai (Fundação Nacional do Índio) dos professores Genivaldo Verá e Rolindo Verá.

Foram coletadas as digitais do corpo de Genivaldo.

As digitais dele não foram encontradas no banco de dados de Mato Grosso do Sul, que reúne todos os dados de quem tem carteira de identidade local. Mas, como os indígenas têm a carteira da Funai e nela, há a impressão digital foi feito também o confronto.

<http://www.douradosagora.com.br/noticias/brasil/iml-confirma-corpo-de-professor-indigena-de-paranhos>

Publicado 20/11/2009 12h31

IML confirma corpo de professor indígena de Paranhos

O Instituto Médico Legal confirmou hoje que o corpo encontrado em Paranhos é mesmo do professor indígena Genivaldo Vera, morto após confronto com seguranças de uma fazenda, no dia 30 de outubro. Devido à demora de informações, a família do professor indígena esteve na Capital na tentativa de obter uma resposta concreta. Eles estiveram inicialmente na sede da Polícia Federal e de lá foram encaminhados ao IML, onde obtiveram a confirmação.

Mesmo adiantando à família que o corpo encontrado é de Genivaldo Vera, detalhes sobre a morte do professor indígena serão repassados para o delegado Renato Gottardi, de Naviraí, por meio de fax. Só na semana que vem o laudo oficial chegará às mãos dele por meio de sedex. Além de Genivaldo, seu primo e professor Rolindo Vera, também está desaparecido desde o dia do confronto. Apesar do corpo de Genivaldo ter sido identificado por meio de exame de DNA, a família diz que não tinha dúvidas desde o princípio. Eles reconheceram por meio de fotos, onde confirmaram que o indígena estava com a mesma roupa que vestia no dia de seu desaparecimento. Isso sem contar com um defeito nos dentes.

Estão em Campo Grande os pais do professor indígena - Avapoty e Cuña Nindeju -, o irmão, Rodolfo Vera e um tio do professor indígena, Avarawi. Todos eles também são parentes do outro índio desaparecido. Como eles não falam português, Rogério Rocha, do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), acompanha os parentes de Genivaldo. Ainda hoje, o corpo será trasladado para Paranhos pela Funasa (Fundação Nacional de Saúde). Ainda será

CD163963818932

CD163963818932

definido se toda a família acompanhará o transporte de Genivaldo para a aldeia em que ele vivia, ou se somente os pais viajarão na viatura.

Assim que o corpo chegar a Paranhos, será realizado um ritual indígena fúnebre. Rodolfo, que é irmão do indígena assassinado, disse que seus pais não comem direito desde que o corpo foi encontrado, já que tinham certeza de que se tratava de Genivaldo. "É um momento muito difícil para nossa família", resume. (Com informações do Campo Grande News).

O processo advindo da denúncia do MPF corre na Polícia Federal sob identificação nº 181/2009, Polícia Federal de Naviraí.

Importante que este Senhor compareça e explique suas motivações e atitudes que levaram à morte de liderança indígena.

Sala das Comissões, em outubro de 2016.

PATRUS ANANIAS

Deputado Federal – PT/MG

NILTON TATTO

Deputado Federal – PT/SP

PAULÃO

Deputado federal – PT/AL

ÉRIKA KOKAY

Deputado Federal – PT/DF

MARCON

Deputado Federal – PT/RS

VALMIR ASSUNÇÃO

Deputado Federal – PT/BA

CD163963818932

CD163963818932